

ENTREVISTA

“O ministério esteve muito voltado para a ‘Ciência, Ciência’ e o Ensino Superior ficou por sua conta e risco”

A reitora da Universidade Aberta, Carla Padrel de Oliveira, lamenta que, ao contrário do que fez o Ministério da Educação, que convocou a instituição para formar 5000 professores para as aulas à distância, no ensino superior não tenha havido nenhuma iniciativa semelhante. O ensino à distância não são aulas no zoom nem conteúdos deixados numa plataforma online, avisa

Samuel Silva · 24 de Setembro de 2020, 18:00

CONTEÚDO EXCLUSIVO



A pandemia suspendeu as aulas em todas as instituições de ensino superior, mas na Universidade Aberta o ano lectivo decorreu “conforme estava planeado” e “sem nenhuma interrupção das actividades”. São as vantagens de uma metodologia com a qual as outras instituições de ensino deviam estar a aprender, defende Carla Padrel de Oliveira, de 57 anos, que foi, no final do ano passado, eleita reitora da instituição, depois de sete anos como vice-reitora. Doutorada em Engenharia Química, ensina na única universidade pública especializada em ensino à distância, desde 1995. A Aberta conta actualmente com cerca de 6500 alunos, dos quais 14% residem fora de Portugal.

Como é que se ensina Química à distância?

Eu não ensino Química num contexto de uma licenciatura em Química ou Engenharia Química, mas nas Ciências do Ambiente. Há alguma dificuldade em fazê-lo, mas com o modelo que temos actualmente na UA, acaba por ser fácil.

O que distingue o modelo da Universidade Aberta?

Somos a única instituição de ensino superior à distância. Sempre trabalhamos à distância e, nos últimos 12 anos, mudámos completamente para o online. Temos um modelo pedagógico próprio, fizemos um trabalho de formação dos professores. A preparação de uma disciplina num modelo de ensino à distância é completamente diferente. Tem que se pensar em termos de actividades e objectivos de aprendizagem. Nós dirigimos o estudante, num percurso que ele constrói e que decide quando faz.



De que modo é que essa experiência pode ser útil às universidades tradicionais num momento como o que estamos a viver?

Durante os últimos meses, alguns colegas professores de outras universidades procuram-nos, muitas vezes de forma informal. Tivemos sempre uma postura de colaboração com as outras universidades. O que queremos é haja ensino à distância de qualidade. É preciso é perceber que fazer ensino à distância não é transpor o presencial para a distância. Não é só criar uma plataforma *online* e colocar lá alguns conteúdos.

Isso foi o que aconteceu nos últimos meses.

Sim, com muito recurso ao Zoom, que é perfeitamente natural e legítimo, porque as pessoas estavam a responder a uma necessidade imediata. Não havia tempo para fazer de outra forma. Só que isso não é ensino à distância.

O que é ensino à distância?

Há um conjunto de premissas estabelecidas a nível internacional que se prendem, por exemplo, com a flexibilidade para os próprios estudantes. A forma de delinear e construir uma unidade curricular em ensino à distância é completamente diferente. Além disso, o mais importante é a forma como se ensina com a tecnologia e não fazer da tecnologia a solução para tudo. A nossa preocupação é que

os jovens que estão agora nas universidades possam convencer-se que o ensino à distância é aquilo. Se assim for, vão fugir do ensino à distância.

Seria lógico que a única instituição pública especializada tivesse um papel mais activo nesta fase de transição.

A UA tem que ter um papel mais activo. Não havendo outro tipo de orientações, foram as próprias instituições, no âmbito da sua autonomia, que desenvolvem os seus recursos. Agora, perceberam que a pandemia não era uma situação tão curta como era previsto e que as soluções dos últimos meses não deram tão bons resultados como pensavam. Está, por isso, a haver uma maior procura de várias universidades. Fomos procurados pelo Ministério da Educação para fazer a formação dos professores do ensino básico e secundário, para permitir o uso de tecnologias para promoverem as aprendizagens. Poder-se-ia fazer a mesma coisa no superior.

Como foi feito esse trabalho com os professores do ensino obrigatório?

O Ministério da Educação disse-nos que era urgentíssimo e definiu a estratégia. Começámos pelas coordenações dos agrupamentos escolares, alargámos aos diferentes professores, trabalhámos com as direcções-regionais de Educação da Madeira e dos Açores e também com o Instituto Camões. Até agora, formámos cerca de 5000 pessoas. Este trabalho vai continuar e a ideia é alargar a todos os professores.

No superior isto não aconteceu?

Não. Quando um professor entra na UA, passa por um processo de formação. Nós temos os cursos feitos para nós próprios e há sempre um acompanhamento pedagógico. Antes da pandemia, estávamos a fazê-lo. Temos cursos em associação com outras instituições e esses professores têm também que fazer uma formação, para se familiarizem com a forma como fazemos as coisas. Trabalhamos com o Instituto Superior Técnico e a Faculdade de Ciências e Tecnologias da Nova de Lisboa, com a Universidade do Algarve, com Universidade do Algarve, com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e com os politécnicos de Portalegre e Castelo Branco. Agora, numa fase de preparação para o futuro, também estamos a começar a ser procurados por outras instituições de ensino.

Que impacto teve a pandemia na UA?

Os nossos estudantes nunca tiveram nenhuma interrupção das suas actividades. Fizemos todo o ano lectivo conforme estava planeado. Perdeu-se algum rimo de produção de conteúdos, porque tivemos que criar um regime de presença alternado para os funcionários que trabalham na mediatização, filmagens, etc.; os professores deixaram de se encontrar, o que também foi prejudicial. Mas, por exemplo, a pandemia teve um efeito positivo em termos de redução da taxa de abandono, porque alguns estudantes até tiveram mais tempo livre. Cerca de 80% dos alunos vieram a exame, o que é um número superior ao habitual.

No ano passado, foi regulamentado o Regime Legal do Ensino à Distância. Que mais-valia trouxe esse diploma?

O diploma foi importante porque veio organizar um conjunto de dimensões que estavam muito soltas. Foi reconhecido que há um ensino à distância, que é uma metodologia, quais são os seus requisitos e itens de qualidade que têm que ser cumpridos. Houve uma maior responsabilização da UA, dizendo que o fazíamos bem e devíamos ajudar os outros também a fazer. Mas também é dito que temos que desenvolver uma estratégia própria. Sobre isso, falei com o senhor ministro em Dezembro e fizeram-se algumas reuniões em Janeiro e Fevereiro. Mas depois as coisas ficaram paradas.

Era o contrato de desenvolvimento institucional da UA, de que se falava em Abril do ano passado, e que previa que esta se tornasse a porta de entrada privilegiada para que a população adulta faça uma formação superior. Não houve grandes avanços nesse dossiê?

Nem grandes, nem pequenos. Começaram a fazer-se reuniões no sentido de definir um conjunto de coisas que fariam parte desse contrato, mas depois não houve nenhum outro desenvolvimento. Não falei com o ministro sobre isto nos últimos meses. Nos últimos meses, as coisas estiveram muito voltadas para “Ciência, Ciência, Ciência” e o ensino superior ficou um bocadinho por sua conta e risco.

samuel.silva@publico.pt

SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER PÚBLICO HOJE

TODOS OS DIAS

As principais notícias, a melhor opinião e sugestões de boa-vida.

Subscrever

Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade. OBRIGATÓRIO

O QUE PRECISA DE SABER
CORONAVÍRUS

 **Receba as nossas**
notificações e seja o
primeiro a saber.

Descarregue a
nossa app

TÓPICOS

SOCIEDADE | **ACESSO AO ENSINO SUPERIOR 2020** | **ENSINO À DISTÂNCIA** |
ENSINO SUPERIOR | **EDUCAÇÃO** | **UNIVERSIDADES** | **ANO LECTIVO 2020**

 **TORNE-SE PERITO**